

século XII, harmoniza com as peças europeias da mesma cronologia, atestando o carácter internacional da nossa ourivesaria. Mais do que centros de produção, origens ou ourives, impossíveis de determinar pela dispersão geográfica que os modelos conheceram, é esta consonância com as formas forâneas que devemos procurar, numa época em que a ourivesaria constituía, segundo Duby, "a principal área de pesquisa artística". E esta antiguidade e limpidez das formas atraíram o pintor Domingos António Sequeira que, no início do século XIX, nos legou um esboço rápido, mas preciso deste objeto da "fundação".

Texto: ACS - Fotos: JNG

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1986b, p. 174; ALMEIDA, C.A.F., 2001, p. 178; ARMINJON, C. e BILIMOFF, M., 1998, pp. 234-237; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 151, (de [1174-1198]); BARROCA, M.J., 2017a, Insc. n.º 173, (de [1174-1198]); COUTO, J. e GONÇALVES, A.N., 1960, p. 68; DIAS, N.J.P.P., 2012, p. 174; DSVISEU, 2010, p. 197; DUBY, G., 1979, p. 17; FERREIRA, M.A.T., 1995, pp. 149-152; GONÇALVES, A.N., 1984a, p. 84; HOURIHANE, C.P., 2012, II, pp. 13-14; IPM, 1995, pp. 42-43 e 46-47; PESSANHA, J., 1895, p. 111; RATIONALE, pp. 62-63 e 369; ROSAS, L.M.C., 1996-97, pp. 255-268; SIEBERT, K., 2015; VASCONCELOS, J., 1914; VISITAÇÕES CIST, 1998, p. 63.

Cálice proveniente do mosteiro de Santa Maria de Alcobaça (90 Our)

O MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA exhibe um cálice com características formalmente românicas, de prata dourada, que pertenceu ao mosteiro cisterciense de Alcobaça. Identificado pelo n.º de Inv. 90 Our, ostenta uma altura de 18 cm (com 14 cm d.c.; 14 cm d.b) e pesa 625 g., o que o coloca um pouco acima da média dos

cálices europeus do século XIII (16,36 cm), estudados por Siebert. A peça integrava, certamente, o conjunto destes objetos guardados na sacristia do mosteiro, "boons", "honrados", "huns mayores e outros menores", tal como consta no role do inventário de 1510, realizado nesse espaço do cenóbio.

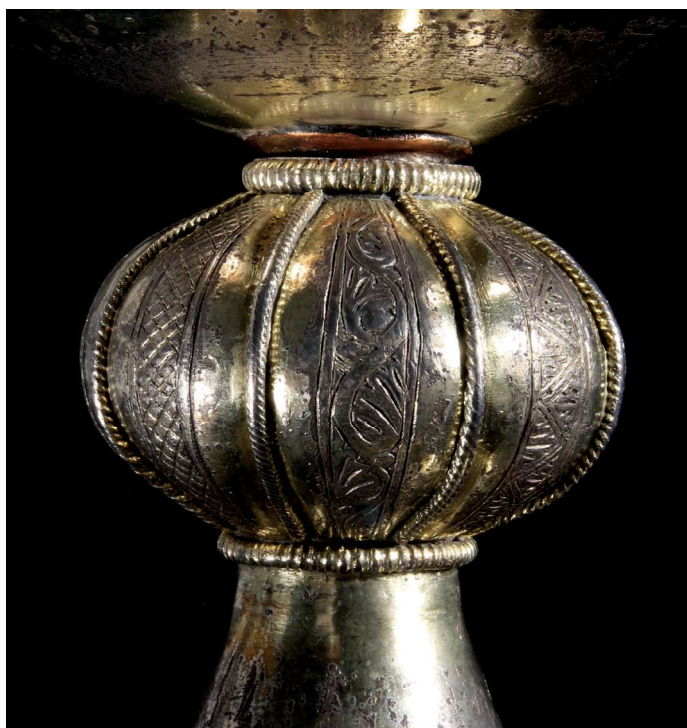
Com a extinção das ordens religiosas masculinas, em 1834, parte do tesouro desta Abadia foi transferida para a Casa da Moeda, tendo algumas das peças em questão dado entrada na Academia Real de Belas-Artes de Lisboa, em 1867. Este cálice integrou, assim, o primitivo núcleo do Museu Nacional de Belas-Artes de Lisboa, aberto em 1884 e designado, a partir de 1911, como Museu Nacional de Arte Antiga.

Pelas semelhanças formais com o cálice de D. Dulce, datável com alguma segurança de finais do século XII, as outras duas peças provenientes de Alcobaça (incluindo a que apresenta o n.º de Inv. 91 Our) têm sido datadas da mesma centúria. Alguns autores avançaram mesmo com a hipótese de terem sido todos executados numa mesma oficina de Lisboa, que mantinha relações privilegiadas com a Corte.

Na verdade, em termos estilísticos, estas peças respeitam à tipologia em voga no século XII e primeiros anos do XIII, patente em todos os cálices europeus da mesma cronologia: uma base cónica, nó esférico, copa ampla e semiesférica. O predomínio das formas redondas e a concordância do diâmetro da base com o da copa (14 cm) são também característicos deste período, resultando de questões de ordem técnica. Estas soluções estão bem detalhadas na obra do monge beneditino Theophilus,

Cálice do mosteiro de Santa Maria de Alcobaça (MNAA 90 Our)





Pormenor do nó

datada dos primeiros anos do século XII, na qual se recomenda a divisão, em duas metades, do metal destinado à execução do cálice (e respetiva patena) e a manutenção do equilíbrio do peso para cada uma das partes. A ligação direta do nó à copa e à base, e a consequente ausência de anéis separadores dos três elementos, atestam igualmente a datação proposta, uma vez que a haste dos cálices se impõe a partir de Duzentos e prevalece no decurso do tempo, por facilitar o manuseio das peças. As três partes – copa, nó e base – estão apenas separadas por um singelo fio torcido, que divide também a *maçã* em oito segmentos gomados, mais conforme com os modelos em voga no primeiro quartel do século XIII. As secções gomadas, mas pouco pronunciadas ainda, são decoradas por bandas com gravado a buril, diversamente decoradas com motivos axadrezados, vegetalistas estilizados e vermiculados ao gosto do tempo, semelhantes aos encontrados em peças esmaltadas, de marfim, pintados em diversos suportes ou bordados em tecidos. Os fios encontram-se bastante desgastados na superfície, comprovando o uso prolongado do objeto e a importância do nó para a estabilidade no manuseamento da peça.

A base do cálice é lisa, sendo apenas preenchida por uma pequena cruz grega, destinada a facilitar a orientação da peça durante a Consagração. Na cruz são ainda perceptíveis vestígios de esmaltes em *champlevé*, de cor azulada, no interior dos braços.



Pormenor da cruz na base

Os cálices românicos do mosteiro de Alcobaça são contemporâneos do tempo em que se afirmava o culto à Santíssima Eucaristia (entendida como o mais sagrado de todos os Sacramentos), e em que os teólogos debatiam o dogma da Transsubstanciação das Espécies durante a Consagração. Este momento assumiu uma importância muito particular, que se refletiu naturalmente nos objetos onde se opera o milagre eucarístico: os cálices e as patenas.

No cumprimento das determinações sinodais, procurava-se dotar as igrejas de cálices de prata, preferencialmente dourados ou pelo menos o interior da copa, atendendo à função sublime a que estavam destinados. A sobriedade deste cálice de Alcobaça pode não se dever necessariamente aos valores de contenção impostos por São Bernardo e pela Ordem de Cister, mas simplesmente ao facto de esses terem sido os mais abundantes à época. A função simbólica assumida por estes objetos justifica o elevado número de doações de cálices e patenas a partir de então, tal como poderá ter acontecido em Alcobaça. A associação dos três cálices (89 Our, 90 Our e 91 Our) aos primeiros tempos da história do cenóbio e a eventual ligação à memória de um doador ilustre, poderão explicar a preservação destas peças durante séculos, quando tantas outras foram sacrificadas e substituídas por novas de *outra feição*. O primeiro testamento de D. Sancho I, datado de 1188, contemplou verbas específicas para *faciendos calices*, o que comprova o favorecimento do monarca ao mosteiro

de Alcobaça e a vontade de o dotar de alfaia indispensáveis à realização da Divina Eucaristia. No entanto, não é possível determinar se os três cálices românicos de Alcobaça saíram da mesma oficina e as características formais apontam para cronologias ligeiramente distintas. As particularidades do cálice 90 Our estão mais de acordo com as de peças da mesma natureza, datadas do primeiro quartel do século XIII.

Este cálice, oriundo do antigo Mosteiro de Alcobaça, enquadra-se nos padrões formais e metrológicos da sua época, digno de ser elevado em qualquer altar e corporizar, assim, o milagre da Transubstanciação. Respeitado durante séculos pela sua antiguidade e preservado certamente por essa razão, integra (juntamente com o 89 Our e 91 Our) o conjunto classificado como "bem de interesse

nacional", o que atesta o seu reconhecimento enquanto valor da "memória coletiva portuguesa".

Texto: ACS - Fotos: JNG

Bibliografia

AFONSO, A.N., 2019b, pp. 286-296; ALMEIDA, C.A.F., 1986b, p. 175; ALMEIDA, C.A.F., 2001, p. 178; BARROCA, M.J., in *Nos Confins da Idade Média*, 1992, Peça n.º 51, pp. 144-145; BARROCA, M.J., 2017a, Insc. n.º 174 (de [1174-1198]); COUTO, J. e GONÇALVES, A.N., 1960, p. 68; DIÁRIO DA REPÚBLICA, I Série-A, n.º 209-8 de setembro de 2001; DSVISEU, doc. n.º 176 (de [1188, depois de março, 24]); FERREIRA, M.A.T., 1995, pp. 149-152; GONÇALVES, A.N., 1984a, pp. 84-86; IPM, 1995, pp. 40-41, 44-47; PESSANHA, J., 1895, p. 111; RATIONALE, pp. 62-63 e 369; ROSAS, L.M.C., 1996-97, pp. 255-268; SIEBERT, K., 2015; THEOPHILUS, 1843; VASCONCELOS, J., 1914; VISITAÇÕES CIST., 1998, p. 63.

Cálice proveniente do mosteiro de Santa Maria de Alcobaça (91 Our)

O CÁLICE DE FEIÇÃO ROMÂNICA (MNAA 91 Our), atualmente exposto no Museu Nacional de Arte Antiga, pertenceu ao mosteiro de Santa Maria de Alcobaça. A inscrição que apresenta na superfície externa

da base atesta essa origem, esclarecendo que foi "feito para honra de Deus e de Santa Maria de Alcobaça", como se pode ler na transcrição feita por Barroca:

+ CALIX ISTE AD HONOREM DEI ET SANCTE MARIE DE ALCOBACIA FACTVS EST

Cálice do mosteiro de Santa Maria de Alcobaça (MNAA 91 Our)



Dos três cálices românicos oriundos desse cenóbio este é o mais pequeno (17,1 cm alt.; 15,2 cm d.c.; 13,5 cm d.b.), pesando 649 g. Tendo em conta a altura média calculada por Siebert para os cálices do século XIII – 16,36 cm alt. –, podemos concluir que o objeto em análise apresenta uma boa dimensão. Tal como assinalou esta autora, a altura e o peso das peças não podem ser usados como critério de datação e uso, uma vez que cálices baixos e altos podem ser encontrados em todos os séculos. Assim sendo, é com as médias dos cálices europeus que devemos comparar estes objetos e não com o oferecido pela rainha D. Dulce ao mesmo cenóbio (MNAA 89 Our). Este dispunha, de facto, de uma altura atípica, enquadrando-se entre os mais altos que chegaram até nós a nível europeu, pertencentes à época em análise. De acordo com os parâmetros em vigor na idade média, este cálice possuía um bom tamanho e peso, estando certamente incluído entre os dezanove cálices de prata existentes na sacristia do mosteiro de Alcobaça, "bons e honrados", de acordo com o inventário de 1510, "huns mayores e outros menores".

A possibilidade de se atribuir uma datação fiável ao cálice oferecido por D. Dulce ao mosteiro (finais do século XII) e a semelhança formal das três peças que pertenceram